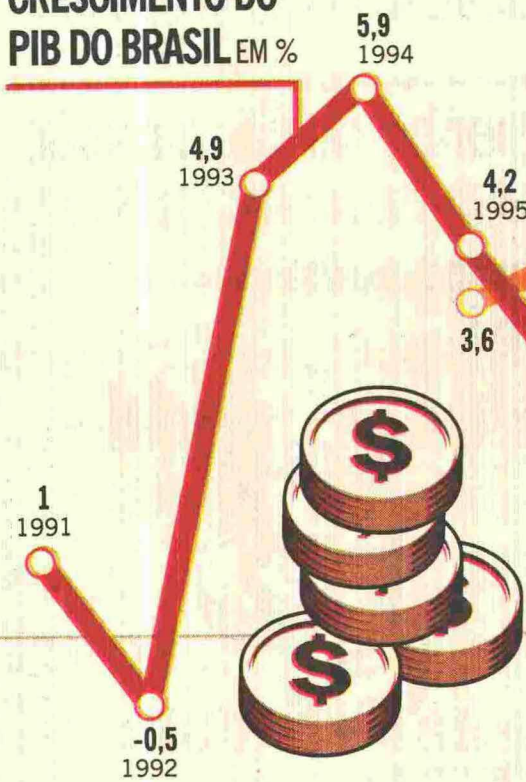


# ECONOMIA

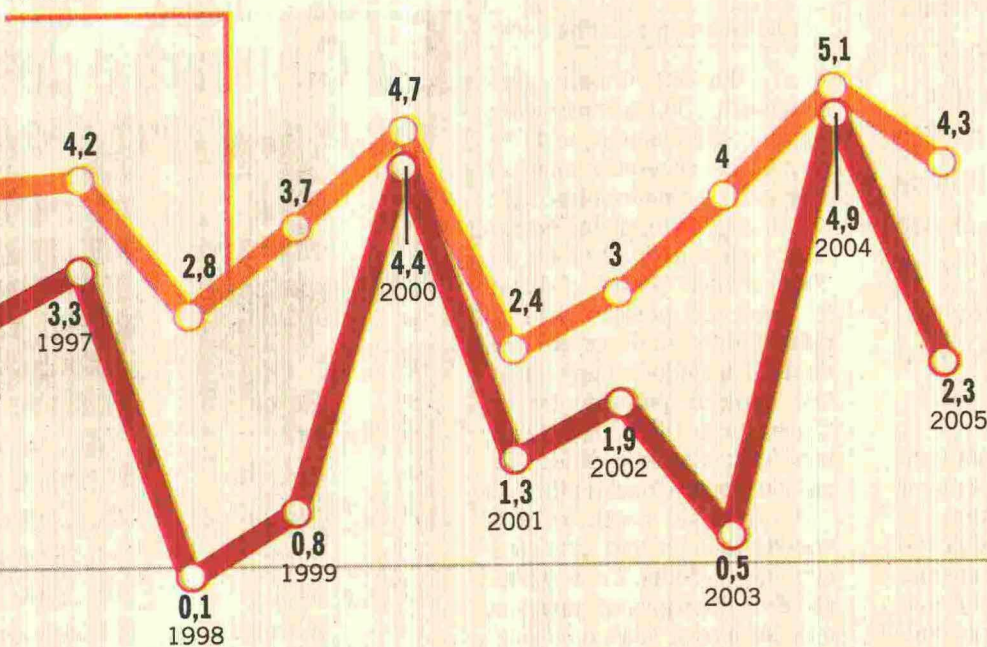
Economia Brasil

## MARCHA LENTA

### CRESCIMENTO DO PIB DO BRASIL EM %



### O CRESCIMENTO MUNDIAL EM %



### Desempenho dos presidentes

Crescimento médio anual	BRASIL	MUNDO
Nos três primeiros anos do 1º mandato de FH	3,3%	4%
Nos três primeiros anos do 2º mandato de FH	2,1%	3,6%
Nos três primeiros anos do governo Lula	2,6%	3,3%
1º mandato de FH	2,6%	3,7%
2º mandato de FH	2,1%	3,4%
Média dos dois mandatos de FH	2,1%	3,6%

### DESEMPENHO NOS ÚLTIMOS ANOS

10 anos (1996 a 2005)	2,2% ao ano
5 anos (2001 a 2005)	2,2% ao ano

# O Haiti é quase aqui

Economia brasileira cresceu só 2,3% em 2005, menos da metade da expansão de 2004

Luciana Rodrigues, Cássia Almeida e Flávia Oliveira

Os juros altos, o dólar baixo e o fraco desempenho da agropecuária derrubaram a economia brasileira em 2005, quando o Produto Interno Bruto (PIB, conjunto das riquezas produzidas pelo país ao longo do ano) cresceu apenas 2,3%, informou ontem o IBGE. A taxa é menos da metade da expansão prometida pelo presidente Lula e também do crescimento registrado em 2004, que foi de 4,9%. E que coloca o Brasil na lanterninha entre nossos vizinhos da América Latina, com um avanço que só não foi inferior ao do Haiti, que teve expansão de 1,5% no ano passado.

É um padrão que se repete há dez anos. Entre 1996 e 2005, a taxa média de crescimento do PIB brasileiro foi de 2,2% ao ano. Com a fraca expansão do PIB no ano passado, a renda per capita brasileira cresceu só 0,8%, contra uma expansão de 3,4% registrada em 2004.

Além da agropecuária — que cresceu apenas 0,8% em 2005, contra 5,3% no ano anterior — também a indústria perdeu o fôlego. O setor, que havia crescido 6,2% em 2004, teve expansão de apenas 2,5% no ano passado, afetado pelos juros mais altos e pela queda do dólar. A indústria extrativa teve alta recorde, de 10,9% (a maior da série histórica do IBGE, iniciada em 1991), graças à produção de petróleo e de minério de ferro. Mas a indústria de transformação cresceu só 1,3%, contra uma alta de 7,7% em 2004.

— A indústria sofreu a concorrência de importados em segmentos como metalurgia, siderurgia e têxtil. É claro que a taxa de juros também afetou — disse Rebeca Palis, gerente de Contas Nacionais Trimestrais do IBGE.

## Gasto das famílias empurra economia

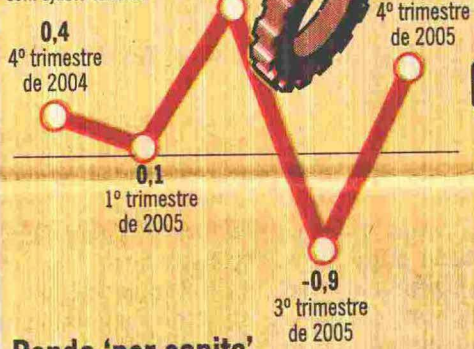
• Sérgio Vale, economista da MB Associados, destaca que, devido ao dólar baixo, o comércio exterior teve impacto menor no PIB em 2005 do que em 2004. A demanda externa (exportações, descontadas as importações) contribuiu com 0,9 ponto percentual no crescimento de 2,3% do PIB no ano passado. O economista Antonio Licha, da UFRJ, diz que, além da concorrência dos importados, o dólar baixo prejudica as exportações de produtos manufaturados da indústria. Hoje, 25% da produção desses bens vão para o mercado externo.

Os juros altos, por sua vez, além de afetar a indústria, deram um forte golpe na chamada formação bruta de capital fixo, que são os investimentos em máquinas, equipamentos e na construção civil, que servem para ampliar a capacidade de produção da economia. Na média, a taxa básica de juros ficou de 19,1% em 2005, contra 16,3% em 2004.

— Os juros altos afetaram as

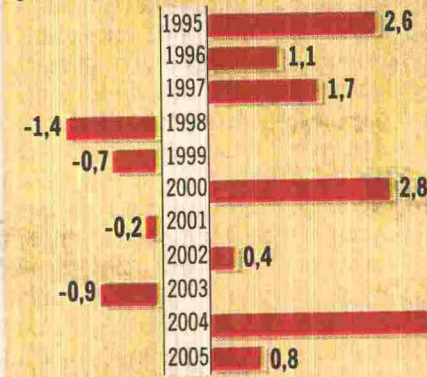
### A evolução do PIB em 2005 em %

Na comparação com o trimestre anterior, na série com ajuste sazonal



### Renda 'per capita'

(ganho ou queda, em %)



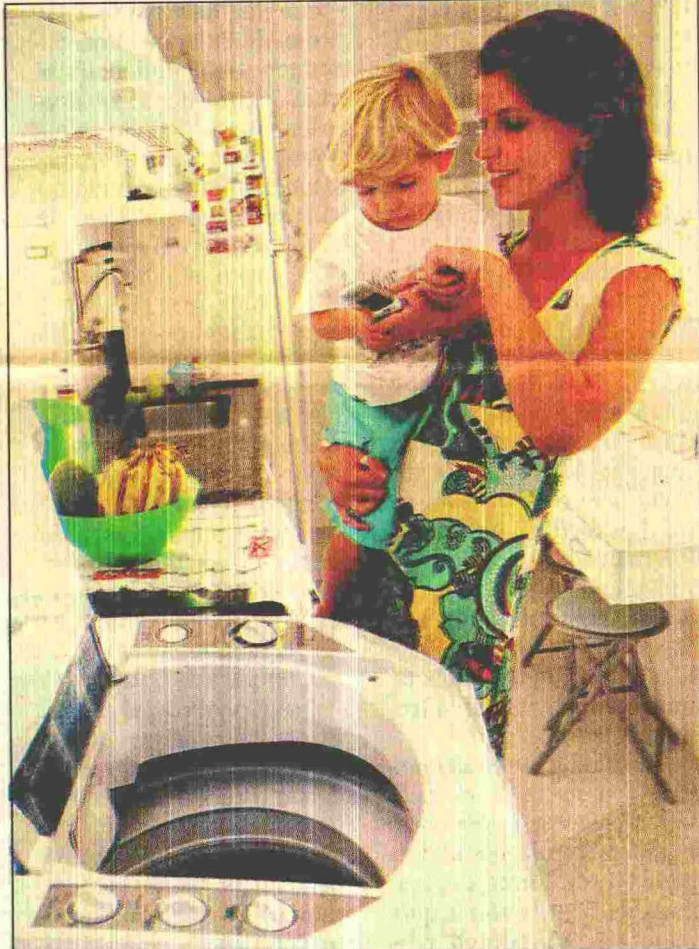
FONTE: IBGE e mercado

### O DESEMPENHO DE CADA SETOR (em %)

	Em 2004	Em 2005
<b>DEMANDA</b>		
Consumo das famílias	4,1	3,1
Consumo do governo	0,1	1,6
Investimentos	10,9	1,6
Exportações	18	11,6
Importações	14,3	9,5
<b>PRODUÇÃO</b>		
AGROPECUÁRIA	5,3	0,8
INDÚSTRIA	6,2	2,5
Extrativa mineral	-0,7	10,9
Serviços de utilidade pública	4,6	3,6
Indústria de transformação	7,7	1,3
Construção civil	5,7	1,3
<b>SERVIÇOS</b>	3,3	2
Comércio	7,9	3,3
Transporte	4,9	3,2
Aluguéis	1,8	2,5
Instituições financeiras	4,2	2,4
Administração pública	0,9	1,7
Comunicações	-1,4	0,1
Outros serviços	5,6	1,3
<b>PIB</b>	4,9	2,3

### QUE CÁLCULO É ESSE?

O Produto Interno Bruto (PIB) é o conjunto das riquezas criadas pela produção de bens e serviços num país durante um ano, contando inclusive a arrecadação de impostos sobre a produção. A coleta é feita em três grandes setores: agropecuária, indústria e serviços. Os dados também podem ser apresentados sob a ótica da demanda, que mostra como foi o consumo de cada grupo: família, governo, investimentos e construção civil (formação bruta de capital fixo), exportações e importações.



FÁTIMA PEREZ, com seu filho Vitor, gastou mais: "Foi um ano bom"

contradições dos juros altos combinados à oferta abundante de crédito e mais gastos públicos. O consumo do governo, que em 2004 subiu 0,1%, ano passado avançou 1,6%, mesmo patamar dos investimentos.

— Apesar do cumprimento da meta de superávit primário, houve um aumento de arrecadação que permitiu ao governo elevar suas despesas. Isso representa aumento de carga tributária. Por outro lado, a política monetária freou o investimento, que é o que o país mais precisa para crescer — disse o economista Guilherme Maia, da Tendências Consultoria.

## Em Lula e FH, taxa inferior a PIB global

• As baixas taxas de crescimento econômico, como a de 2005, foram marca tanto dos dois governos Fernando Henrique como dos três anos do mandato de Lula. Na média, a economia brasileira cresceu 2,1% ao ano nos oito anos de Fernando Henrique, contra expansão de 3,6% do PIB mundial no período. Na gestão Lula, a expansão média anual foi de 2,6%, enquanto a economia global cresceu 3,3%.

O último trimestre de 2005, porém, indica um crescimento mais forte em 2006. O PIB teve alta de só 0,8% frente ao terceiro trimestre, com ajuste sazonal, mas com bom desempenho dos investimentos (1,7%) e da indústria (1,4%). Na comparação com o quarto trimestre de 2004, a alta do PIB foi de 1,4%. ■

• BRASIL CAI PARA 13º LUGAR NO RANKING MUNDIAL, na página 20

expectativas dos investidores quanto à demanda dos consumidores no futuro — explicou Licha.

A formação bruta de capital fixo teve alta de só 1,6% em 2005, taxa que é menos de um quinto da expansão de 10,9% registrada em 2004. Enquanto a produção de máquinas e equipamentos cresceu 2,3%, a construção civil registrou expansão de 1,2%. Para Cláudio Considera, economista do Ibmecc, o recuo dos investimentos é consequência de um abalo na confiança dos empresários desencadeado pela crise política.

Enquanto os investimentos perderam o vigor, o consumo das famílias

registrou uma expansão acima da média da economia. Graças a um aumento de 36,7% no volume de crédito às pessoas físicas (em termos nominais) e a um crescimento de 5,3% na massa salarial (soma dos rendimentos de todos os trabalhadores), as famílias gastaram 3,1% mais em 2005, expansão ligeiramente inferior a de 2004, quando a alta fora de 4,1%.

A família da publicitária Fátima Perez foi uma das que contribuíram para o bom desempenho desse componente do PIB em 2005. Ela comprou uma máquina de lavar de R\$ 1.570, celular e ainda sobrou para este ano. A festa de dois anos do filho Vitor será

inesquecível. Em 2005, Fátima não teve reajuste real de salário, mas conseguiu repor a inflação e guardou o décimo-terceiro salário para outros gastos.

— Foi um ano bom, com mais estabilidade. Nem pensamos em poupar o dinheiro, optamos por gastar — conta Fátima.

Da mesma forma pensou a administradora Adriana Carvalho. Resolveu reformar a casa e trocar ar-condicionado. Agora, planeja comprar uma televisão de tela plana e um DVD. Tudo a crédito.

Os números do consumo no PIB — investimentos, gastos das famílias e despesas do governo — expõem as